

do pós-guerra (*Neotomismo no Brasil*).

Nos anos posteriores à Revolução de 1964, o tradicionalismo volta a revestir-se de feição predominantemente política. Neste ciclo, assume proporção considerável a luta, no seio da própria Igreja, entre conservadores e progressistas, para usar a denominação consagrada, estes últimos adoptando posições socialistas cada vez mais radicais. Para avaliar-se a oscilação pendular de um extremo a outro, experimentada por certas facções da Igreja Católica, basta comparar a programação editorial, nos dois períodos, de *Vozes*, mantida pela Ordem dos Franciscanos, que passa sem nuances do tradicionalismo mais dogmático para a mais primária pregação socialista. Na nova fase, a opção tradicionalista é capitaneada por G. Corção, que edita a revista *Permanência* (1968-1979); pelo grupo paulista da revista *Hora Presente*; e pela dita TFP (Tradição, Família e Propriedade), de todas a mais actuante.

A actividade editorial dos tradicionalistas entre os anos 30 e os anos 50 é volumosa e representativa. Além de publicações periódicas, espalhadas por todo o país, da tradução da *Suma Teológica* e da obra de Maritain, exercendo seus expoentes uma grande actividade jornalística, cabe referir que publicaram grande número de títulos, destacando-se Leonel Franca, Alfredo Lage (1904-1973), Gustavo Corção, Alexandre Correia e José Pedro Galvão de Sousa. Este último está preocupado com a elaboração teórica, serena e meditada, desinteressando-se de marcar presença na arena política, a exemplo de seus antecessores, e, sobretudo, em dar por encerrado o empenho polémico e missionário, que foi a nota dominante na sua fase de apogeu.

BIBLIOGRAFIA: Ubiratan Macêdo, *A liberdade no Império*, São Paulo, 1977; Dinorah Berbet de Castro, *O tradicionalismo em D. Romualdo Antônio de Seixas*, Rio de Janeiro, 1983; Cassiano Cordi, *O Tradicionalismo na República Velha*, Rio de Janeiro, 1984; Tiago Adão Lara, *O tradicionalismo católico em Pernambuco*, Recife, 1988.

Antônio Paim

TRADUCIANISMO

É a doutrina que defende que a alma espiritual de cada indivíduo se transmite pela geração dos pais. Teve particular

ressonância no âmbito da Teologia, e diverge de *criacionismo*, segundo o qual as almas são criadas imediatamente por Deus logo que estão reunidas as condições requeridas para tal; *emanatismo*, segundo o qual a alma é uma porção da substância divina. Não aceita nem a preexistência nem a eternidade da alma (no sentido proposto por Platão e sustentado pelos platônicos ecléticos); pressupõe a negação da *metempsicose*. Os traducionistas dividem-se por duas tendências segundo uma concepção de alma mais materialista ou mais espiritualista; ao traducionismo espiritualista poderemos identificá-lo com o que mais tarde se designaria por «generacionismo».

Foram os pelagianos que cunharam o nome de T., dele acusando alguns Padres, como São Cipriano e Santo Ambrósio, segundo no-lo refere Santo Agostinho. Tertuliano defendera esta doutrina na linha da tendência menos espiritualista. O próprio Bispo de Hipona, ainda que refutando o T. «corporal» de Tertuliano, flutuou entre T. e criacionismo, numa primeira abordagem ao problema da origem da alma; pendendo para o criacionismo, não deixou porém uma posição clara e definitiva. Na Idade Média, Hugo de São Victor, Alexandre de Hales, Pedro Lombardo e, sobretudo, São Tomás de Aquino aprofundam argumentos a favor do criacionismo que, depois do Concílio de Trento, seriam recolhidos em síntese por São Roberto Belarmino. Já no séc. XIX, autores como Klee, Frohschammer, Ubaghs e Rosmini representam uma frouxa revivescência do T., que logo cai no esquecimento.

BIBLIOGRAFIA: A. Michel, «Traducionisme», in *Dictionnaire de Théologie Catholique*, XV, 1350-1365; A. Lanza, *La questione del momento in cui l'anima razionale è infusa nel corpo*, Roma, 1939; P. Parente, *De creatione universalis*, Roma, 1949; A. Willwoll, *Alma y espíritu*, Madrid, 1953; E. Navarro Rubio, *El momento de la unión del alma con el cuerpo*, Pamplona, 1957.

A. Leitão

TRAGÉDIA

Tragédia designa, originariamente, uma expressão literária, poema dramático cuja acção é representada (origem do teatro), que surge na Grécia em meados

do séc. VI a. C., vindo, porém, a adquirir e desenvolver as características fundamentais que a definem já no denominado «século de Péricles».

Terá sido Téstitis, c. 534 a. C., quando vence a primeira competição de poetas trágicos, a criar definitivamente a T. ao substituir o corifeu dos ditirambos dionisíacos por verdadeiros actores desempenhando um papel distinto do do coro, e assim desenvolvendo a acção dramática com diálogo. A T. apresenta-se estruturada em cinco partes — prólogo (ou exposição), párodo (ou entrada do coro), episódios (correspondentes aos actos do teatro moderno), estásimos (ou odes corais) e êxodo (derradeiro episódio após o último canto do coro) — em que a lírica (na parte coral) mantém uma posição privilegiada e cujos temas dominantes, da história sacra ou de lendas heróicas, não se diferenciam ainda significativamente dos versados pelos poemas épicos. Porém, o surgimento desta nova criação não se explica por derivação de qualquer uma outra forma literária anterior, mas exige se considere a transformação espiritual de que Grécia de Péricles é palco.

É apenas no séc. V a. C., com Êsquilo (ainda próximo das origens religiosas e rituais da T., mas perspectivando já as lendas tradicionais à luz das convicções actuais), Sófocles (grande mestre na definição de caracteres) e Eurípidés (exímio na construção do drama psicológico) que a T., consciente de emergir do desenvolvimento crescente do puro conteúdo do pensamento, quer na forma de exigência normativa para a comunidade, quer como expressão pessoal do indivíduo, assume uma responsabilidade educadora. A sua peculiaridade, já não sob um ponto de vista formal mas ideológico, radica na associação que opera do *Logos* ao *mythos*, assim deslocando a perspectiva de reflexão do plano divino para o plano humano. Nas relações dos homens com os deuses — tema dominante dos cantos heróicos —, ganham agora realce as relações dos homens com os homens. O destino (*moira*), fixo e inamovível, que nos poemas épicos não permite o surgimento da vontade, nem consequentemente a afirmação de uma personali-

dade, alivia agora o seu jugo. Na T. o homem é dotado de capacidade deliberativa, ele intervém no seu destino, torna-se responsável pela sua acção. Estas são as condições para a definição do sentido do «trágico»: contradição, conflito, tensão entre a vontade individual e a lei divina ou ordem cósmica.

A T. apresenta-nos, pois, uma nova concepção de homem, mais humanizada, em que o herói revela, a par das suas virtudes, os seus sentimentos (de dor e de sofrimento) e mesmo as suas fraquezas. É a formação espiritual do homem que se desenvolve e se eleva, evidenciando um modelo real para a educação consciente do homem. A visão antropocêntrica protagonizada pela T. dá origem a um grau superior de humanidade ou mesmo ao verdadeiro nascimento da humanidade. Neste sentido, confirma-se que a dimensão da T. extravasa amplamente os parâmetros de uma análise literária (nunca tendo sido considerada de um ponto de vista exclusivamente artístico, nem mesmo entre os seus contemporâneos), exigindo uma reflexão sobre o humano em que o estético, o ético e o religioso se interpenetram e se condicionam reciprocamente.

Teorizando sobre a T., num pequeno e genial ensaio que lhe dedicou na *Poética*, Aristóteles define-a como «imitação de uma acção [...] que, suscitando o temor e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções». Contrariando Platão, Aristóteles considera que a T., ao estimular as emoções, não enfraquece o homem, mas antes o purifica. Deste modo, atribui-lhe uma função eminentemente catártica (*Catarse*) através da qual as emoções não chegam a ser eliminadas mas apenas reduzidas para uma justa medida, igualmente afastada de todos os excessos. Neste sentido, Aristóteles não corrobora os objectivos éticos e pedagógicos protagonizados pela T. desde a sua origem, mas antes aponta os seus fins terapêuticos. David Ross virá a afirmar que «o fim para o qual tende a tragédia, é o prazer», não tanto assumido numa dimensão estética mas médica. Daí também os estudos psicanalíticos que se dedicam à análise do sentimento do «trágico», e sobretudo a prática da «ab-reacção», ou

libertação da emoção forte, para uma higiene mental.

Findo o «século de Péricles», iniciado o processo de decadência da democracia ateniense que culminará com a sua absorção pela Macedônia, também a T., criação espiritual do apogeu de uma época, entrará em declínio. Ela persistirá, no entanto, na história da cultura ocidental como importante ponto de referência, quer como género literário na produção teatral, quer como modelo ético e estético na reflexão filosófica. Cingindo-nos ao primeiro caso, verifica-se que a T. gozou ainda de prestígio assinalável na época helenística (de que não sobreveio qualquer obra) e também em Roma, aqui com a composição de algumas imitadas das gregas. Seguiu-se um longo período de apagamento, vindo a T. a ressurgir, de um modo geral em toda a Europa, apenas em meados do séc. xvi, e então com características nacionais, ganhando intenso vigor no séc. xvii. Deste segundo período áureo da T. ficaram-nos obras de P. Corneille e Racine (França), Alfieri (Itália), Lessing e Schlegel (Alemanha) e, com um génio mais acentuadamente próprio, Shakespeare (Inglaterra), Calderon e Lope de Vega (Espanha), entre outros. No segundo caso, verifica-se que a reflexão filosófica sobre a T. foi principalmente motivada ora pelo comentário à *Poética* de Aristóteles, ora pela determinação do sentido mais amplo mas preciso do «trágico», o que, por consequência, reverteu a favor do seu enriquecimento conceptual. De entre os numerosos filósofos que se referiram à T. destacamos Schelling, Hegel, Nietzsche, Scheler, Kierkegaard, Jaspers, Ricoeur. Nietzsche, sobretudo, veio ampliar significativamente o conceito de T., afastando-se da posição aristotélica ao pretender interpretar fielmente os gregos pré-clássicos, e compreendendo-a no âmbito da sua filia. Não considera então a T. como exercendo uma acção purificadora por um efeito catártico, mas antes uma acção revitalizadora, contribuindo como um estímulo para a exaltação da vida que a experiência de emoções fortes suscita. No estudo nietzschiano da T., é a perspectiva ética que se sobrepõe à estética. Ricoeur, por sua vez, oferece-

-nos uma das mais recentes e originais leituras da *Poética* de Aristóteles, nela destacando o conceito de «intriga» que depois estende a toda a composição narrativa. Além disso, confronta esta obra com as *Confissões* de Santo Agostinho, com o objectivo de mostrar a correlação existente entre a actividade de contar uma história e o carácter temporal da experiência humana, ou seja, «que o tempo se torna tempo humano na medida em que é articulado sobre um modo narrativo e que a narração atinge a sua significação plena quando se torna uma condição da existência temporal». Neste caso é a dimensão estética da T. que se sobrepõe à ética.

BIBLIOGRAFIA: Nietzsche, *Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik*, 1892; Sir David Ross, *Aristotele*, 1923; Werner Jaeger, *Paideia. Die Formung des Griechischen Menschen*, 1936; K. von Fritz, *Antique und moderne Tragödie*, 1962; Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, 1964; P. Ricoeur, *Temps et Récit*, 1983; Eudoro de Sousa (ed.), *Aristóteles. Poética*, 1986; Lígia da Costa, *A Tragédia. Estrutura e História*, 1988.

M. Patrão Neves

TRANSCENDÊNCIA

Transcendência opõe-se a imanência; e assim como esta significa, em geral, que algo está dentro de certo âmbito ou círculo de realidade, assim T. é, ao contrário, o que se situa fora e acima do mesmo círculo. T. envolve o conceito de limite; o que está aquém do limite é imanente, o que o ultrapassa ou transcende, o que está para além, é transcendente. Estaticamente, T. é o que está fora e acima de determinado círculo da realidade; dinamicamente, T. significa o acto pelo qual algo supera, escapa a esse círculo.

1) Em esquema, podemos referir a T. aos planos antropológico, gnosiológico e ontológico ou metafísico. Antropologicamente, a T. traduz a propriedade de o homem poder fugir aos seus limites, de se abrir em projecto, de delinear perspectivas, de sair para fora de si quando pensa e age em liberdade. Por isso, na expressão heideggeriana, o homem é um ser «ex-tático». A possibilidade do «êxtase», i. é, de sair de si em qualquer situação dada, significa, para o homem, a fuga à finitude, e a busca intermínima de si